

POR OUTRAS RAZÕES

Escrito por Administrator
Quarta, 24 Outubro 2018 22:01 -

“As sequências linguísticas são rebeldes”.

Esquecem “os poetas de salão” moderno que a linguagem é a mais artificial e, por isso mesmo, a mais humana de todas as criações do homem. E a mais divina.

Se Deus criou o homem, Ele não criou a linguagem: é invenção humana (não divina). (Fiat lux é prosa).

Se há algum limite ao processamento da informação de que seja capaz o homem, a poesia absoluta extrapola tais. Desborda. Isso em Rogério Generoso, *verbi gratia*, é tão nítido como o ar. Simplesmente, a PA liberta a porta do poeta desses entraves (barreiras represando o imaginário, esse capital único) quase físicos, como a rima.

À estrutura livre da linguagem não cabem tais limitações, jaulas da imaginação.

Poesia absoluta não é questão de fisiologia (ou inspiração, o que é pior).

O que alguém não possa dizer, não diga. Mas o poeta pode dizê-lo sempre. Dizer o indizível, o absoluto (nunca o relativo dizível ou risível). E diga-lo em termos, precisos termos, metafóricos. Exatamente.

A economia linguística (de que sou atento pesquisador, há 13 anos) demonstra que as soluções exatas dos “causos” líricos são inexatas e levam a palavra à falência.

E não está nunca ao alcance de não-poetas ou poetas não, miseravelmente relativos (elementares).

POR OUTRAS RAZÕES

Escrito por Administrator
Quarta, 24 Outubro 2018 22:01 -

A tese da artificialidade da linguagem (que é próprio da PA) diz que os limites tributados à linguagem são meramente transponíveis. Pois, além desses óbices todos, situa-se, está a poesia Absoluta (a gargalhar das relatividades comezinhas).

Entre tais limites, situa-se a doença (ou grave infecção) sintática, que é mortal à poesia.

O exprimível não é possível, embora o possível seja exprimível.

Os limites da PA são os mesmos da representação interna da experiência.

“Poetas”, ante tais óbices, voltam-se a processos fáceis, a milenares regras de metrficação, atam-se a toda parafernália da versificação, submissos à dominação da rima e da trena, capatazes do atraso poético brasileiro. Amém!

De rima, rima e conta, conta, se vive.

Leitor frágil “adere” (adesista que é) a respostas do poema boas ou a “poemas” fáceis, bem arrumadinhos de rima, ordenados segundo a sagrada regra versificativa, o que acontece em 96,8% dos casos. Tais leitores detestam inacessibilidades, “poeta difícil” ou essa coisa dura de entender. E que o faz suar, em longas bicas, rosto (e alma) afora. É como se eles (os leitores fáceis) fossem deficientes. Ou melhor, a deficiência não está no poema absoluto, porém no leitor relativo.

Em síntese, a linguagem é um artifício complexo, que Homero concedeu ao homem, em forma poética, para libertá-lo, tal como Prometeu o fez, concedendo-nos o fogo. É uma película invisível ao olhar. Daí, que o olho não entende, só lê.

Cuide-se leitor frágil ante maré montada da Poesia Absoluta, que o levará ao rés de si mesmo.

POR OUTRAS RAZÕES

Escrito por Administrator
Quarta, 24 Outubro 2018 22:01 -

{comments on}